

Notas sobre o fim da ideologia em: O que fazer em caso de incêndio?

Sandra Portella Montardo*

“NÃO SE TRATA MAIS DE uma questão de direita e de esquerda. Hoje há os que fracassaram e os que se venderam para o sistema”. Essa frase pronunciada pelo detetive de polícia Manowsky (Klaus Löwitsch) algemado pelo “subversivo” Grupo 36, liderado por Tim (Til Schweiger), dentro da prisão de Berlim, bem poderia ser a sinopse de *O que fazer em caso de incêndio?* (Was tun, wenn's brennt?, Gregor Schnitzler, 102 minutos, ALE/2002).

O filme traz a história de seis jovens na casa dos trinta anos cujas circunstâncias da vida levam ao reencontro. O Grupo 36 encarnava a anarquia na Berlim de 1987. Protestavam contra o governo, contra a polícia, contra o capitalismo, enfim, contra o sistema, divertindo-se muito, sempre. E registravam tudo em filmes, cuidadosamente guardados no quartel general do Grupo. Os protestos em questão incluíam bombas caseiras plantadas em propriedades do governo. Uma delas explode quinze anos depois. O confisco de material dos endereços considerados suspeitos pela polícia, decorrente da explosão, e a necessidade de se desligarem do fato é o que proporciona o reencontro do grupo.

Tim e Hotte (Martin Feifel) foram os únicos que mantiveram seus ideais anarquistas, vivendo no antigo QG do grupo e, por vezes, promovendo atos de protesto.



Esse último já não tinha mais as pernas, arrancadas em um dos embates com a polícia. Maik (Sebastian Bloomberg) se torna um arrogante proprietário de agência de publicidade de sucesso. Nele (Nadja Uhl) se vira para criar a filha sozinha. Terror (Matthias Matschke) é um hipocondríaco que se prepara para a carreira da promotoria pública. A bela Flo (Doris Schretzmayer), eterno amor de Tim, prepara-se para casar. É claro que esse reencontro não se resume à missão citada acima. Questionamentos sobre as escolhas tomadas na vida, trocas de farpas e ressentimentos de maneira geral, além de alguma nostalgia compõem as situações vividas pelo extinto Grupo 36. No entanto, mais do que sonhos de juventude, amizade e existencialismo de modo geral, o interesse de análise desse ensaio é o fim da ideologia.

Para mostrar a pertinência desse eixo de análise, deve-se destacar o contexto em que a frase do começo



desse texto é dita, fazendo desse momento um ponto decisivo do filme. Havia passado pouco tempo desde que o “velho” detetive Manowsky havia sido aposentado às pressas pelo Subsecretário de Estado. No lugar da experiência de uma vida inteira obsessivamente dedicada ao combate de ações subversivas é escalado Henkel (David Striesow), um jovem promotor de Bonn, mais afeito aos holofotes e a coletivas de imprensa, a fim de tornar o rumo das investigações transparente na então democrática sociedade berlinense. Para o velho Manowsky, esse tipo de coisa só atrapalhava. A continuidade da fita viria a mostrar que ele estava coberto de razão.

É por causa da boa imagem que a polícia berlinense deveria ter perante a sociedade que o Grupo 36 se dá conta que, dessa vez, seria preciso agir por dentro do sistema para se virem livre da confusão em que o acaso lhes havia metido. Uma coletiva, uma equipe de reportagem forjada e um jovem promotor ansioso para mostrar serviço garantem o sucesso da operação resgate da fita ensinando a montar bombas caseiras. Depois, foi só correr para o abraço.

Pode-se não concordar, em um primeiro momento, com os rumos que a história tomou. Deve-se admitir que um final feliz, do tipo todos ficam bem, (re)encaminham-se na vida, sendo que até casais se formam entre eles, ao saírem correndo da bem sucedida fuga empreendida da prisão pelas ruas, como num comercial de *jeans* ou de refrigerantes (dos anos 80, é claro), parece um pouco forçado. Mas é aí que pode residir a ironia do filme.

A fotografia impecável, a boa direção dos belos atores e atrizes e a trilha sonora que não deixa absolutamente nada a desejar, amarrados por um roteiro quadradinho e, talvez, por isso, previsível, garante que se possa projetar algumas interpretações sobre o mesmo. A frase do início do texto seria apenas mais um clichê, não fosse o idealista Tim ter concordado com seu algoz. Tê-lo livrado das algemas, então, foi o acerto dos roteiristas

para justificar a máxima destacada no início desse texto. Nessas alturas, não só não havia mais esquerda ou direita, como também nem perdedores, nem vencedores. Manowsky relaxa, talvez pela primeira vez na vida, ao ver o Grupo fugindo da prisão, após terem driblado toda a segurança chefiada pelo seu substituto.

Além disso, mais importante do que a busca da ideologia perdida, é a culpa e o apego a bens materiais que guia os desertores do Grupo 36 a empreenderem o resgate de Hotte de dentro da prisão.

O eterno amor de Tim por Flo se encarrega de demonstrar que anarquia talvez não fosse o traço mais significativo de Tim. Ou seja, talvez não se trate de um filme ingênuo como querem alguns, mas só de um filme que se rende às circunstâncias de seu tempo. Mas não pelo caminho mais óbvio.

Notas

* Doutoranda PPGCOM-PUCRS.

Referências

www.scoretrack.net/incendio.html

<http://www.webcine.com.br/filmessi/whatcafi.htm>

